

# **O OLHAR GEOGRÁFICO SOBRE O EMPREENDIMENTO PARQUE RESORT HOTEL BOA LUZ.**

CUNHA, Maria Regina da Silva  
Regina\_silvacunha@yahoo.com.br

SANTOS, Evani Ferreira  
evaniferreira@yahoo.com.br

SUBRINHO, Edécio Cordeiro  
edeciogeo@yahoo.com.br

SANTOS, Fábيا Verônica dos. (Orientadora)  
Graduada em Geografia, Mestre em Geografia Agrária, Prof.<sup>a</sup> do Curso de  
Geografia: Licenciatura Plena da Universidade Tiradentes – UNIT  
fabiaveronica@oi.com.br – fábيا\_veronica@unit.br

## **RESUMO**

O Hotel Fazenda Parque Resort Boa Luz é um empreendimento privado e importante centro de lazer do estado de Sergipe. Elaborado com intuito de proporcionar mais uma opção de lazer dentro do estado, fundamenta-se em propostas ambientais; na exploração das potencialidades naturais e na sustentabilidade dentro do meio rural. Dentro de uma abordagem científico-investigativa é feita uma análise dos elementos implícitos nesse espaço, do ponto de vista das condições econômicas, sociais e ambientais e subsidiam-se sugestões de introduzir alternativas de inserção social e preocupação científica, cultural e ambiental.

**PALAVRAS-CHAVE:** Desenvolvimento econômico. Inserção social. Propostas ambientais.

## 1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho faz uma breve análise morfoestrutural da unidade Hotel Fazenda Boa Luz Parque Resort; propriedade particular que tem como proprietário o Senhor Lauro Antônio Meneses Filho que projetou a mudança desta área, anteriormente ocupada com fins de valorização da terra, e posteriormente teve o uso associado à pecuária extensiva.

Localizado no município de Laranjeiras, cuja sede está a aproximadamente 18 km da capital; em uma área que faz parte do antigo berço da oligarquia sergipana, o cotinguiba, uma tradicional zona canavieira, localizada na sub-bacia do rio Cotinguiba que junto aos municípios de Areia Branca, Nossa Senhora do Socorro e Riachuelo compõem a bacia hidrográfica do rio Sergipe.

Este parque com 7 milhões de m<sup>2</sup> cujo proprietário está envolvido com um projeto de Educação Ambiental, além de ser um espaço voltado para o acúmulo de capitais através do desenvolvimento do setor terciário também apresenta um potencial geográfico para possibilitar pesquisas e análises com fins acadêmicos em torno das inter-relações e da dinâmica natural e social.

Essa intervenção só é possível porque para Geografia, esse empreendimento é um lugar dentro de um território passível de localização e de representação cujas relações natureza-sociedade-espço oferecem condições de questionamentos e abordagem científica.

Sendo um importante centro de lazer do Estado, proporciona a geração de emprego e renda, porém cabe aqui analisar como ocorre essa cadeia econômica entre o trabalho e a produção. Visto que, as proximidades dessa propriedade esteve há muito tempo envolvido com as atividades da agricultura principalmente da cana-de-açúcar, e da pecuária, mas que sofreu uma decadência.

Sendo assim, não só a Boa luz como qualquer outro estabelecimento ao sofrer redução de produção é inevitável a busca por outras formas de se obter lucro. Nesse ensejo vem surgindo a plurieconomia, que, na área rural entre outros investimentos, surge o ecoturismo que vem se tornando um mercado em expansão.

A área utilizada em um novo modelo de negócio valorizou os componentes naturais, na qual explora além das potencialidades naturais a conveniência daquelas criadas propositalmente para garantir o sucesso do empreendimento. Assim o perfil do público, simpatizante da tranquilidade e silêncio da área rural condicionou os detalhes que deram um requinte a paisagem humanizada de hoje.

Toda essa dinâmica e a interferência direta e indireta dos componentes em torno desse lugar proporcionam embasamentos práticos e teóricos para a pesquisa sob novos enfoques e teorias.

A pesquisa tem como objetivo geral avaliar a dinâmica das relações sociedade-natureza-espaco sobre o lugar dentro da abordagem geográfica. Para isso, é necessário: Comprovar a diferença entre o olhar geográfico e o olhar do senso-comum sobre a mesma delimitação territorial; Mostrar as interferências antrópicas sobre o lugar; Evidenciar as relações de interesses capitalistas sobre as relações de conservação a natureza; Analisar a interferência dos fatores climáticos para o sucesso do empreendimento.

Para tanto, a presente pesquisa tem o intuito de não só analisar as relações sociedade, espaço e natureza, mas de instigar, por meio do olhar geográfico, os fundamentos

científicos para compreender essa dinâmica no espaço Boa Luz. Bem como, analisar os elementos que estão presentes na dinâmica vista de forma integral, mas, principalmente perceber, as interferências desses elementos dentro da atividade alternativa do turismo na propriedade.

Os procedimentos metodológicos utilizados consistiram inicialmente em observações *in locu*, ou seja, forma experimental empírica através de visita a campo para que permitiu proceder de forma investigativa e identificar especificidades e particularidades do lugar. Neste critério pode-se comparar e estabelecer laços entre as imagens mostradas em destaque nos meios de comunicação e marketing relacionados às paisagens reais. Utilizaram-se fontes documentais – mapas e fotografias para observar minuciosamente informações das paisagens avaliadas.

Para coleta de dados foi aplicado um questionário destinado a grupos heterogêneos com questões relacionadas a informações inerentes ao empreendimento. Posteriormente essas informações foram diagnosticadas e feitas análises de dados objetivando construir interpretações.

Levantamentos e organização de informações do tema foram aprofundados através de pesquisa bibliográfica e documental. A pesquisa, do tipo descritiva, na qual contém os levantamentos dos dados e informações, subsídios sobre as questões pesquisadas, discutidas, analisadas; e em seguida redigida esquematizando o desenvolvimento e os resultados finais da investigação da pesquisa realizada.

## **2 DO SENSO COMUM AO OLHAR GEOGRÁFICO: UM OLHAR SOBRE O ESPAÇO EM ANÁLISE**

Hoje a ciência geográfica tem se distanciando do positivismo e da mera observação das paisagens sem a devida análise dos elementos que agem na mesma. Esta nova visão geográfica voltada às correntes, crítica e analítica, além de verificar a paisagem como um todo, fazendo um elo entre os recursos naturais e as modificações sofridas percebendo as ações antrópicas e suas conseqüências para a sociedade, para a natureza e para o espaço.

Nesse intuito é também papel da Geografia preocupar-se com a busca de soluções para os problemas causados pelas modificações verificando as possíveis conseqüências dessas alterações para as relações homem-natureza-espaço dentro de novas perspectivas geográficas.

De acordo com Jurandir Santos:

Conhecer cada dia mais o ambiente natural de sobrevivência do homem, bem como entender o comportamento das sociedades humanas, suas relações com a natureza e suas relações socioeconômicas e culturais. Aprender, portanto como a sociedade humana estrutura e organiza o espaço físico-territorial em face das imposições do meio natural, de um lado, e da capacidade técnica, do poder econômico e dos valores socioculturais do outro. E ainda das soluções alternativas para o desenvolvimento econômico como o caminho em busca do desenvolvimento sustentável. (2004, p. 104).

Entende-se a paisagem como a fisionomia dos lugares e dos espaços sociais, a sua aparência. A partir delas são feitas pesquisas e investigações reflexiva e analítica desprovida da emoção, ou seja, análises meramente racionais. Isso porque a observação de uma paisagem provoca as mais variadas manifestações de sentimentos e curiosidades, mas, todavia tudo o que a paisagem contém possui uma função, seja uma funcionalidade estética, política, jurídica, econômica, cultural, histórica, dentre tantas outras, àquelas cujos interesses e acuidade do observador-pesquisador enxerga uma, outra, ou várias dessas funções.

Assim para compreender as paisagens e a dinâmica estrutural no espaço busca-se maior número possível de fatores e relações naquela realidade que tenham interação entre os elementos naturais e sociais materializados nas relações sociais.

É no espaço entrelaçado ao lugar geográfico no qual os homens registram sua anti-história de prática política de exploração, de domínio da natureza e de um ser social, da reprodução da riqueza e da pobreza, e da capacidade produtiva.

E esse espaço é resultado da intervenção do homem no meio, produto de uma relação natural ou artificial. No entanto a paisagem vai além. Os produtos dos trabalhos, reunidos dão forma e funcionalidade, enquanto reproduz e se mostra na sua essência a manifestação das relações responsáveis pela espacialidade do espaço geográfico na temporalidade cronológica.

Todavia o processo das relações sociais no espaço e as relações que se dão naquele lugar, vão fluir e sofrem interferência para outros lugares, espaços e paisagens. Os lugares servem de base para reflexão sobre o temático geográfico em dimensões externas a sala de aula. Propiciando ao ensino-aprendizagem ações claras numa espacialidade viva e com mobilidade cujas ações são analisadas para a existência do lugar; ou seja; abrigue ações humanas ao lugar geográfico.

Sendo assim atribui-se uma série de fatores que interagem durante a produção do espaço; as mudanças ocorridas nesse espaço; como ocorrem as relações naturais e sociais no mesmo; as influências antrópicas e naturais fazendo assim uma análise reflexiva e racional.

Diverge-se o olhar dentro de um mesmo lugar. Dentro de uma visão geográfica foca-se não somente para as paisagens apelativas do marketing, que muitas vezes tenta disfarçar problemáticas ou imperfeições, visa-se perceber os detalhes das relações entre sociedade-natureza-espaço dentro de uma área delimitada (nesse caso o lugar).

Todos os agentes do meio são incorporados na análise do espaço; o social citado por Milton Santos; o da Geologia e da Geomorfologia, citado por Christofolletti, essencial não somente para definir as formas terrestres, mas, sobretudo para condicionar as atividades produtivas para as sociedades; o que sofreu a interferência humana e por imposição deste foi modificada; tratado por Francisco Mendonça; o dos condicionantes climáticos e da ordem natural que reage às mudanças e as interferências tratadas por Ayoade; enfim; a ciência Geográfica diz respeito e trata de muito mais que a simples análise da natureza, envolve todo um conjunto de elementos naturais e artificiais que regem o planeta.

O conhecimento propicia a compreensão da realidade e contribui para a análise investigativa dinâmica do espaço levando em conta a intervenção de fatores físicos, biológicos e humanos dentro do objeto de estudo que é o espaço geográfico. Como afirma Hartshorne, “*o conhecimento geográfico permite que se faça a descrição e a interpretação de maneira científica e racional do mesmo espaço*” (2004, pág.16).

Uma mesma área pode ser visualizada por indivíduos diferenciados, muito embora os mesmos possam ter visões variadas, isso porque segundo ele, cada observador tende a visualizar os elementos que lhes interessa ou aqueles que estão dentro dos seus limites de conhecimento.

Sendo assim, a mesma região pode ser analisada de formas diversas. Isso acontece porque há uma conciliação e complementação do examinar junto à reflexão e todas as ações que estão voltadas em função da realidade formam a individualidade dos lugares, indo além do senso-comum à geografia científica.

Como afirma os autores positivistas o espaço está sujeito a transformações. A natureza apenas exerce influência sobre a ação do homem, uma vez que este aperfeiçoa seus conhecimentos e técnicas transformando e produzindo o espaço em seu favor.

Estas alterações promovidas pelo homem também dinamizam ações, envolvimentos, interações que desencadeiam conseqüências diretas ou indiretas para a natureza. Na maioria das vezes essas conseqüências são danosas para a natureza e isso reflete na biosfera.

Essas transformações levaram a ciência geográfica a desenvolver tendências de análises diferentes da positivista na qual o geógrafo limitava-se a analisar de forma dialética e descritiva os fenômenos físicos da superfície terrestre. Isso porque não havia por parte deles uma perspectiva de analisar o espaço integralmente e daí interferir recorrendo a soluções de melhorar esse espaço (como ocorre hoje com a vertente da Geografia crítica).

Na interface que separa, de um lado, o núcleo terrestre e, de outro, a alta atmosfera e o espaço celeste do universo está o objeto máximo de preocupação da Geografia, o homem e suas relações, vivendo e interagindo na biosfera, tendo na natureza o palco no qual as sociedades humanas se organizam se reproduzem e promovem grandes mudanças.

Percebe-se a partir daí a relação entre os elementos que fazem parte do espaço, bem como as influências do racionalismo no mundo moderno sobre o mesmo que na antropogeografia analisa as ações antrópicas dentro da produção do espaço.

Nessa perspectiva pretende-se enfatizar e analisar além dos aspectos perceptíveis, mas primordialmente os desígnios informacionais que estão ocultos. Karel kosik diz:

A construção do senso comum é um tipo particular de consciência, de visão de mundo formado a partir de conceitos em torno de fatos mais fragmentados, trata-se, pois, de uma mistura heterogênea e contraditória. O conhecimento científico é, portanto, racional fundamentado em estruturas científicas, no qual se elaboram hipóteses, levantam-se investigações e aborda dados cientificamente comprovados. (2004, p. 98).

### **3 AS INTERFERÊNCIAS ANTRÓPICAS SOBRE O LUGAR**

Vista de uma forma na qual as ações antrópicas não interferem localmente, mas sobre a superfície terrestre de forma global, panorama de uma visão ampla e inter-relacionada do espaço, a compreensão integral é essencial, foco que vem levando o geógrafo a fazer análises sistemáticas e científicas de toda a dinâmica num propósito de retratar as relações em um cenário que articule o âmbito político, econômico, ambiental e social presentes no mesmo espaço e no qual se discute a possibilidade de uma relação harmônica.

As relações homem-natureza, estabelecidas através do trabalho, engrenam a dinâmica social que produz e transforma as paisagens e conseqüentemente o espaço. Em cada sociedade essa dinâmica é peculiar, depende das suas especificidades na maneira de combinar formas de produzir, circular e pensar.

Conforme estágios de desenvolvimento sócio-econômico; político; tecnológico, houve intensas modificações na produção. É imprescindível a presença da ação humana na discussão entre condições naturais em seu envolvimento com os processos produtivos; uma vez que, independente da situação; a relação entre: natureza-sociedade-espaço está explícito e inter-relacionado.

Desta forma o aparecimento do homem (ação antrópica) como elemento do sistema que interage e possibilita intervenções, cujas conseqüências alcançam dimensões planetárias também é um ponto importante a ser retratado.

O trabalho torna-se um fator determinante na construção e na organização espacial. Assim, modificam-se, ampliam-se e adaptam-se formas com finalidade de garantir a sobrevivência humana ou os fins capitalistas de acúmulo de capitais.

A presença das relações de produção; de trabalho; da ação do capital; e das forças produtivas presentes não só na Sociologia e na Geografia Econômica vão analisar as ações do homem no panorama do mundo atual, mas analisam principalmente a inter-relação entre todas essas analogias.

Como afirmam os autores críticos, há necessidade de medidas alternativas que consolide a diminuição da desigualdade social e econômica das populações. Dentre elas, vêm se destacando o desenvolvimento sustentável e a opção de conservação dos ambientes naturais que garantam qualidade de vida para as populações futuras.

A possibilidade de exploração turística tem se configurado em todo o mundo, como uma forma de dinamizar a economia, aumentando a oferta de emprego e garantia da qualidade de vida mantendo os agentes naturais, mas muitos impasses devem ser compreendidos minuciosamente.

Numa sociedade de interesses e disputas, incapaz de manter o espaço vital de equilíbrio entre população e recursos, e estes não são mantidos em parte por conta do predomínio de interesses capitalistas sobre os naturalistas merece discussão sobre esses propósitos.

As ações antrópicas são estudadas a fundo sobre o ponto de vista não só das interferências humanas no espaço, mas principalmente no pensar de conciliar desenvolvimento e estudos das ações das áreas em função do trabalho tentando-se definir e desenvolver subsídios que garantam desenvolvimento econômico, acumulação do capital e sustentabilidade ambiental.

A convivência e o relacionamento humano sofrem alterações motivadas pelas mudanças culturais, econômicas, políticas e sociais que tomam novas formas em tempos remotos. Essas mudanças refletem na convivência através das atitudes e nas intenções nas quais remetem interesses, planejamentos e concretização de ideais.

Na geração presente esses ideais condicionam-se quase que na totalidade não ao esforço por atitudes de reciprocidade entre homem-natureza, mas a demolição do segundo pelo primeiro cujo objetivo depara-se com atividades econômicas que garantam o acúmulo de capitais.

Nas gerações futuras vêem-se a necessidade de buscar novas alternativas que possam gerar renda, trabalho e desenvolvimento, mas que ao mesmo tempo permitam o respeito à natureza.

Não diferente, o empreendimento estruturou-se na organização do espaço para atender ensejos; assim, voltou-se para a representação do espaço explicitando as possibilidades em evidência e estruturando e aprimorando-o como um todo de forma significativa dentro da objetividade daquilo que atrairia olhares e possa provocar admiração.

Para isso, fez-se necessário à implantação de infra-estrutura para atender as exigências desse mercado expansivo, em alta, mas que é intensamente exigente. Dentro do mercado expansivo do turismo vinculado a perspectivas de ambientalismo e desenvolvimento sustentável é necessário refletir como se dá o envolvimento desse mercado.

Isso porque nos últimos anos a questão ambiental tem tomado dimensões avassaladoras e se expandindo por entre todas as classes sociais e lugares, principalmente pela mídia em geral. Mas, na verdade, todo esse alarmismo não é sinônimo de que há realmente uma preocupação global com as questões ambientais e a natureza de fato.

Pode naturalmente em muitos casos ser uma forma utilizada por muitos empresários para assegurar promoção própria através de temas relevantes como é o caso das questões ambientais e da emergência dos empresários se englobarem fazendo parte do grupo dos ecologicamente corretos. O que em parte para muitos é simplesmente uma fachada e exibicionismo.

A representação e a agregação da imagem empresarial associam-se a mídia numa tática de marketing e dão a entender que abraçaram a causa natural e da defesa ao meio ambiente. Contudo são limitados pelas instâncias capitalistas que restringem as ações práticas, decerto nas ações cotidianas não se comprova esse empenho.

Embora a problemática ambiental esteja presente, e tenha comprovado conseqüências destruidoras através de situações vistas e vivenciadas pela sociedade atual; além de dados estatísticos e pesquisas, verdadeiramente não há expectativas positivas a respeito dos recursos naturais futuramente, nem tão pouco da conseqüência que isso causará para a biosfera.

Convém perceber que as empresas capitalistas não vêm praticando muita coisa em termos de ações propriamente ditas que impeçam essas reações da natureza. Alguns casos isolados empenham-se de fato enquanto uma maioria está simplesmente interessada em vender a imagem simplesmente.

Esse ambientalismo encontra-se mascarado em muitos casos. Na verdade fala-se muito em conservação e em desenvolvimento sustentável quando na verdade muitos não sabem muito bem o que seja de fato; ou seja, inserem-se nessa moda científica, por influência do alarmismo da mídia ou ainda usa-se esse emblema como fator apelativo para atrair e aperfeiçoar sucesso em empreendimentos cujos fins principais é a acumulação de capitais.

Pois: *“a vulgarização de termos como meio ambiente, ecologia, natureza e outros têm apontado muito mais para uma ecogite (doença/inflamação do ecos/habitat), do que para o enfoque ecologista no sentido de preservação e recuperação da natureza ou meio ambiente”* (MENDONÇA, 2004, p.14).

Vidal de La Blache já enfocava a importância da limitação de pequenas áreas, as regiões, levando em conta o levantamento das condições naturais da população e da exploração econômica das áreas. Também Ratzel, analisa muito bem na sua obra

Antropogeografia todo o princípio comportamental e os condicionamentos que levavam os homens a interferir na ordem natural da relação sociedade-natureza a partir do conhecimento.

Assim, segundo as necessidades, como o próprio Vidal de La Blache ao afirmar que *“o homem é criativo e usa esse dom e habilidades para modificar a paisagem, objeto de estudo da Geografia, usando técnicas inovadoras em função da sua sobrevivência e produção do espaço ligada às atividades de produção”* (1998, pág. 184).

Segundo Hiltiner, dotadas de peculiaridades decorrentes da forma particular de inter-relação dos fenômenos existentes que permitem a variação e a definição das áreas a partir de dados focados e selecionados pelo observador.

O desenvolvimento da sociedade proporcionou o desenvolvimento da Geografia crítica-investigativa de tendências ecológicas; cujos objetos de estudo não mais dizem respeito somente aos aspectos físicos isoladamente, mas, toda a dinâmica terrestre na organização do espaço.

## **4 AS RELAÇÕES CAPITALISTAS DENTRO DO ESPAÇO BOA LUZ**

Na evolução das formas de trabalho dos modos de produção da sociedade moderna surgem novas formas de trabalho e de geração de emprego. Inclui-se aqui o turismo, forte componente do setor que cresce focado nas potencialidades para o desenvolvimento econômico e social.

As atividades primárias, antigas bases da economia, vêm passando por mudanças estimuladas pelas tecnologias que alcançaram não somente as zonas rurais, mas também os grandes centros urbanos. Contudo, essas inovações trouxeram fatores positivos, mas deixaram

um grande contingente da população rural e urbana sem trabalho e conseqüentemente sem renda.

Dentro dessa dinâmica econômica sem dúvida a transformação do espaço é o fator primordial. A mudança ocasionada em substituições ou adaptações para a produção de outro espaço como medidas compensatórias de promoção de melhorias que garantam bem-estar e satisfação, mas que na verdade volta para características de interesses econômicos cujos objetivos estão focados na geração de renda.

Para isso tem-se a necessidade de planejar de forma a tornar satisfatória a estadia e realize prazer e bem estar ao cliente; medidas utilizadas pelo empreendimento com vistas ao lucro monetário cujo cunho é principalmente atrelado aos interesses capitalistas; visando garantir o sucesso do mesmo.

Investir valores expandindo um mercado cujas intenções são o retorno dos capitais atribuídos aos investimentos e a conseqüente acumulação daqueles capitais que surgirão através da mais-valia.

Esses investimentos foram necessários para possibilitar estruturas que viessem aprimorar vias de acesso, comunicação, gastronomia, hotelaria, estrutura física, atendimento pessoal a altura das exigências dos visitantes. Isso ocorre porque há um serviço que está sendo prestado e em contrapartida aqueles que pagam por esses serviços exigem qualidade.

Comprova-se, o crescimento das atividades econômicas ligadas ao turismo não só no Estado, mas em vários lugares, ao mesmo tempo demonstra que esse setor exige além da garantia de prestação de serviços também exige qualidade nos serviços prestados.

O desenvolvimento do setor terciário distribui bens e serviços, gera novas oportunidades de emprego, reproduz e amplia circulação de capitais. Surge então uma nova dinâmica econômica contribuindo para a melhoria das condições de vida de populações

através da geração de emprego e renda e geram a expectativa em muitos por serem absorvidos para desempenhar funções dentro desses modos de produções.

Porém a realidade depara-se com trabalhadores desqualificados para exercer todas as funções que requer o empreendimento. Conseqüentemente exige que a demanda de pessoal qualificada seja contratada fora enquanto a mão-de-obra que não exija tantos requisitos seja de fato absorvida.

Não bastando esse empecilho há uma série de trabalhadores com qualificação semelhante o que permite a concorrência pelo trabalho e também à formação de um exército de reserva; citado por Karl Max em sua obra sobre o modo de produção capitalista.

Esse exército garante naturalmente os baixos salários dos trabalhadores por manter na fila de espera uma quantidade considerável de trabalhadores desempregados ou em subemprego prontos a assumirem os postos de trabalho assim que forem convocados.

É o que ocorre na propriedade com os cargos daqueles que são responsáveis pela alimentação e cuidados básicos com os animais, os responsáveis pela limpeza, pelo auxílio na cozinha entre outros. Quanto aos serviços mais especializados como cuidados veterinários, biológicos, contadores, enfim os cargos que exigem qualificação, por não serem encontrados tão facilmente às margens da propriedade são requisitados e recebem salários proporcionais a medidas compensatórias pelos deslocamentos e promoção da satisfação do profissional.

Melhorias na propriedade houve, mas é verdade que essas não ocorreram pensando-se na condição do trabalhador, mas estrategicamente em ressalvas que permitam ao proprietário garantias de prestação de serviços extras, sem ter que pagar por isso.

É o caso das moradias doadas pelo dono da propriedade aos trabalhadores para residirem enquanto prestarem serviço para ele. Além de evitar que esses trabalhadores se desloquem garante a assiduidade e pontualidade, evita despesas com recursos que deveriam ser custeados pelo proprietário, ou subtraídos do rendimento mensal do trabalhador.

Mas por outro lado garante que esse trabalhador esteja presente em horário integral caso surja uma eventualidade que precise de seus préstimos, e ainda exercem a função estratégica de contribuir para a segurança por localizarem ali e espontaneamente conhecerem as normalidades do lugar onde qualquer irregularidade será naturalmente comunicada.

As relações capitalistas não são percebidas somente nas relações trabalhador-proprietário. Elas estão muito mais presentes no contexto da sociedade que o que se imagina, não se percebe porque elas se tornam ocultas. E só aquele que faz interpelação e tem intenção de perceber consegue torná-las visíveis.

A terra não perde sua característica não deixa de ser natureza, mas a ela são inseridas situações dentro da função social, que muda com o tempo, atribuindo novos valores e também contradições da sociedade capitalista moderna nesse meio no qual o homem reproduz sua vida pelo trabalho.

A terra é uma propriedade que demanda valor (por essa razão os que detêm capitais os empregam em latifúndios como reserva de valor), e, portanto uma reserva de valor na qual o único objetivo é o de garantir a valorização da terra, quando esta deveria servir como condições de produção com fins voltados à propriedade produtiva.

Há hoje uma produção econômica que gera emprego e renda, para tal aproveitam-se as belezas que ela possui agregando a ela feição, enquanto que, as paisagens desprovidas recebem uma nova forma (são lapidadas segundo as exigências do cliente). Sendo uma mercadoria de cunho capitalista, deve estar a gosto de quem a compra e tem um pressuposto valor.

Essa organização necessita além de estrutura econômica também de estrutura de pessoal. A mão-de-obra assalariada é constituída de pequenos produtores que perderam a capacidade de produzir e atualmente vendem a força de trabalho (renda capitalizada). Esses trabalhadores estiveram vulneráveis à ação de pessoas ou grupos economicamente fortes que

adquiriram essas terras. Hoje a força de trabalho produz aos seus donos lucros, por meio da mais-valia, de onde vem: pagamento do salário dos empregados, capital destinado a ampliações, investimentos, compras de itens necessários, entre outros; o que sobra é o lucro que será associado aos bens do dono.

As intenções consumistas e de capitais intrínsecas que estão não só na parte cabível a proporção destinada à entrada e a valores claros como a alimentação. Uma vez dentro do território fica proibida a entrada de alimentação, bebidas, outros, ou seja; o consumo de qualquer um desses ou de outros itens é restrito a compra dentro do estabelecimento. Levando-se em conta que quem o visita tem intenção de passar no mínimo a diária esse consumo no final do dia soma-se à reserva de capital do proprietário.

Por outro lado esse é um ponto crucial de exclusão de pessoas desprovidas de capital que eventualmente teriam a intenção de conhecer o lugar. Segundo dados coletados com pessoas fora do estabelecimento quase a totalidade teria intenção de conhecer a propriedade, mas somente uma minoria de fato conhecia e as respostas foram muito parecidas afirmando o custo financeiro como fator limitante.

Os leques opcionais de consumo através de atividades diferenciadas como o pesque e pague, as voltas de pedalinho, o aluguel das bóias, entre outros, podem ser vistos através de dois pontos de vista. Por um lado faz parte dos bombardeios do marketing apelativo para instigar o consumismo, tática capitalista. Por outro lado, só conseguirá usufruir dessas opções chamativas quem detiver saldo de capital, ao contrario será limitado a contentar-se com as opções inclusas.

Ou ainda visto de uma forma mais instigante, a concretização de que ainda hoje a disponibilidade de capitais não só determina quem são os detentores do poder e da política, vê-se em esferas territoriais bem próximas que a aquisição de capital determina a divisão

social e a seleção nos lugares, negando, neste caso, o prazer do lazer a grupos menos favorecidos.

## **5 A INTERFERÊNCIA DOS FATORES CLIMÁTICOS PARA O SUCESSO DO EMPREENDIMENTO**

O clima refere-se às características da atmosfera, inseridas de observações contínuas durante um longo período. Em Sergipe, é caracterizado por quatro zonas de climáticas: O árido sofre os efeitos das secas e mesmo de estiagens prolongadas, já o semi-árido é sensível aos efeitos das secas e de longas estiagens, o de transição semi-árida é sensível aos efeitos das grandes secas e o de transição sub úmida próximo ao litoral sofre bem menos os efeitos da seca.

No município de Laranjeiras predomina o clima Megatérmico seco e sub úmido, com temperaturas médias anual de 25,2°C, precipitação média no ano de 1.279,3 mm com intervalo mais chuvoso entre março e agosto.

O período seco é provocado por causas internas e externas. *“As causas externas resultam das circunstâncias locais da topografia e da alta reflexividade da crosta terrestre, que reduzem a absorção de energia solar na superfície e na coluna de ar sobre a região”* (FRANÇA & CRUZ, 2007, p. 52).

Como causas externas, o fenômeno El Niño se apresenta como anomalia térmica responsável pelas variações de pressão nas porções meridionais dos oceanos Atlântico e Pacífico pelo fortalecimento dos alísios de SE, que mantem a ZCIT mais a norte do Equador proporcionando o fenômeno de seca no interior do Nordeste brasileiro.

Climaticamente, a área de estudo sofre influência da massa de ar equatorial atlântica e tropical, a chuva se distribui durante ano todo devido a sua localização (próximo ao litoral) A umidade relativa do ar é, em média, de aproximadamente de 78% devido a influencia a maritimidade.

Neste caso os efeitos da seca são pouco observados por se tratar de uma área de rios perenes, chuvas freqüentes e, além disso, existe o sistema de correntes que produzem estabilidades e mau tempo.

O empreendimento, seja no período do verão ou inverno, Não sofre interferência direta das condições climáticas em virtude de sua diversificação dos atrativos turísticos. Mas se percebe uma diminuição da utilização do parque aquático durante o inverno ou maiores cuidados com a área verde durante o verão.

## **6 CONCLUSÃO**

As reflexões sobre a análise crítica dos elementos implícitos para o senso-comum comprovam as formas divergentes do mesmo espaço e do contexto social através da visão geográfica.

A viabilidade de estratégias reais capazes de estimular a conscientização ambiental dentro de um espaço vivo de produção de conhecimento, além da visualização da natureza, estimula a inserção de ações conscientes principalmente do público jovem para uma prática ambiental mais consciente.

Por meio de mecanismos como estratégias de arborização, produção de peças teatrais, ou outras; reforçariam o cunho ambiental, uma vez que, a unidade produtiva afirma em seus slogans, assumir responsabilidade ambiental.

Um aspecto que é necessário fazer uma reflexão é o perfil do público que frequenta o estabelecimento, a evidência da exclusão das massas populares nesse tipo de lazer pela indisponibilidade do capital e poder de consumo dessa minoria. Incorpora-se à crítica a ausência de esforços desse estabelecimento privado para inserir essa clientela desarticulada de lazer e cultura.

No sentido de ações voltadas para o social o empreendimento poderia facilitar a oportunidade de outros grupos estudantis apreciarem o lugar e adquirir o conhecimento em um espaço não-formal de aprendizagem. Para que isso fosse possível, seria necessária a formação de pacotes mais acessíveis exclusivamente para estudantes. Esses pacotes promocionais poderiam ser agendados com a empresa, em dias de baixos fluxos de visitantes, com um total de público mínimo definido, a fim de garantir o custo dos serviços com um caráter pedagógico.

## 7 BIBLIOGRAFIA

AYOADE, J. O. **Introdução à Climatologia Para os Trópicos**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1983.332p. Titulo Original: Introduction of climatology for tropics

CUNHA, Sandra Batista e GUERRA, Antônio Teixeira. Geomorfologia. **Uma atualização de Bases e Conceitos**. –5ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

DOLFUS Oliver. **O Espaço Geográfico**. 5ªed. Bertrand Brasil S.A. Rio de Janeiro. 1996.

FRANÇA, Vera Lúcia Alves & CRUZ, Maria Tereza Souza (org.). **Atlas Escolar Sergipe: Espaço Geohistórico e Cultural**. João Pessoa: Grafset, 2007.

FULOTARO, José e PETRI, Setembrino. **Geologia do Brasil**. São Paulo: T.A. Queiroz. Universidade de são Paulo, 1983.

MENDONÇA, Francisco de Assis. **Geografia e Meio Ambiente**. 7ªed. São Paulo: Contexto, 2004.

PRADO, Junior Caio. **História Econômica do Brasil**.47ª ed. São Paulo: Brasiliense, 2006.

# APÊNDICES



Foto 1- Imagem Aérea do Empreendimento Boa Luz  
Fonte: Nerinho



Foto 2-Entrada do Empreendimento Boa Luz  
Fonte: Zaqueu



Foto 2 – O Pesque e Pague  
Fonte: Nerinho



Foto 4: Parque Aquático  
Fonte: Nerinho



Foto 5: Área verde do mundo dos Insetos  
Fonte: Nerinho



Foto 6: Hotel Boa Luz  
Fonte: Nerinho



Foto 7: Restaurante  
Fonte: Zaqueu

Foto 8, 9,10 e 11: Animais da Boa Luz

Foto: 8



Fonte: Zaqueu

Foto: 9



Fonte: Nerinho

Foto: 10



Fonte: Nerinho

Foto: 11



Fonte: Nerinho